

10 e 11/ Junho/ 1987

OUTRAS BANDEIRAS

CLAREAR + DS + PETISTAS + INDEPENDENTES + PDT VENANCIO criações

Pois é colegas, é preciso mesmo ter coragem pra encarar o desafio de tirar o movimento e as entidades estudantis, dessa maré baixa em que eles lestão. Sabemos que o DCE (Diretório Central dos Estudantes) anda meio desaparecido, que nosso movimento não consegue avançar (tanto aqui quanto a nível na-

cional); sabemos que as bandeiras que aí estão não conseguem traduzir as inquietações e vontades dos estudantes da UFRN. Portanto, apresentamos aqui OUTRAS BANDEIRAS, chapa que concorrerá às eleições para a próxima diretoria do DCE, e que vocês conhecerão melhor através desta carta-programa.

Estamos certos de que a obediência, a passividade, o sim senhor, o gosto pela mesmice e pela rotina não são virtudes do gênero humano. Por isso lhe chamamos a romper com essa apatia e, junto a nós, irmos na busca do que é novo, do que pode expressar a transformação e a liberdade.



Presidente: Lavinia Uchôa (Odontologia)
Vice-Presidente: Rafael Freire (C. Sociais)
Secretário: Kilder Barbosa (C.Sociais)
Tesoureiro: Cecília Mendonça (Direito)
Diretoria de Cultura:
Fátima (Letras), Lenilton (E.Artística)
Diretoria de Ensino e Pesquisa:
Leuça (Pedagogia), Oscar (Geografia),
Bruno (C.Sociais), Marleide (História).
Diretoria de Assistência Estudantil:
Luisa de Marilac (S.Social).
Diretoria de Esporte:
Gilberto (Ed.Física) Baiano (Ed.Física),

Sergio (Geografia), Augusto (Geografia).
Diretoria de Imprensa:
Roberto Wellington (Comunicação Social)
Vice de Humanas: Rebouças (Filosofia)
Vice de Aplicadas: Penan (Direito)
Vice de Biociênc.: Orlandinho (C.Biológicas)
Vice de Exatas: Felipe (matemática)
Vice de Tecnologia: Luiz Rolim (Zootecnia)
Vice de Saúde: José Francisco (Medicina)
Interior: Sheila (Letras/Macau); Manassés
Campos (Macau); Jesiel (Pedagogia/Santa
Cruz); Roberto (Pedagogia/Nova Cruz);
Raimundo Melo (Letras/Caicó).
. Colegiados Superiores

- CONSUNI:
Titulares: Lavinia (Odontologia)
Alexandro (Geografia)
Emanuel (C. Biológicas)
Suplentes: Cecília (direito)
Marisa (Psicologia)
Orlandinho (C. Biológicas)
- CONSEPE:
Titulares: Rafael (C. Sociais)
Penan (Direito)
Kilder (C. Sociais)
Suplentes: Artemilson (História)
Holanda (Geografia)
Sandro (C. Sociais)



Nem o passado como foi
nem o presente como está

No vocabulário político nacional desapareceram as palavras mudança, desenvolvimento, congelamento, etc., e surgiram as palavras crise, golpe, inflação, desemprego... Não são simples palavras. Sarney a cada dia se mostra mais perdido no emaranhado da crise que se instala em seu governo. É a disputa PFLxPMDB pelos cargos do governo; é o aprofundamento, entre as próprias classes dominantes, das divergências em relação a política econômica; são as acirradas disputas entre os partidos que apoiam o governo na constituinte, e soma-se a isto a articulação de forças armadas junto com outros setores reacionários visando intimidar o movimento reivindicatório dos trabalhadores por melhores salários e impor uma constituição reacionária golpeando os interesses operários e populares.

É a Nova República da velha corrupção e incompetência; da mesma política econômica recessiva e de arrocho salarial, conforme o recetário do FMI, seguido pelo novo Ministro da Fazenda; do Presidente eleito no colégio eleitoral sem participação popular; da intrasigência e da repressão contra o movimento dos trabalhadores; da constituinte sem soberania e que preserva intacta a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Greve, o Estado de Emergência, enfim do lixo institucional da ditadura militar; como também da manipulação das verbas da educação segundo os interesses políticos eleitorais dos grupos encastelados no poder.

Diante desse quadro qual o caminho? quais as saídas para os que se negam a elaboração do regimento e a formação das comissões foi um espelho do que será a constituinte: os deputados eleitos por rios de dinheiro tentam legitimar, através de acordos e negociatas, a nova forma de dominação burguesa. No entanto, na constituinte estará em discussão aspectos fundamentais da nossa vida e a omissão perante ela deixará o espaço livre para que os constituintes comprometidos com os interesses dos grandes grupos capitalistas escrevam as leis do país ao seu bel-prazer.

embarcar na barca furada da "Nova República"? Qual a direção que o DCE tem que assumir na luta consequente por ensino público e gratuito e melhores condições de vida e trabalho pra todos?

Ao nosso ver, a luta por melhores dias para a universidade pública brasileira, por condições de ensino e pesquisa está intimamente associada às lutas políticas gerais da sociedade

Vivemos o momento de elaboração de uma nova constituição para o país. A Para que os estudantes possam intervir nesse processo é fundamental uma direção combativa e independente à frente do DCE, que organize os estudantes e crie espaço de discussão sobre a constituinte e realize mobilizações quando da votação das emendas referentes a educação e também somando-se à luta dos trabalhadores e do povo por conquistas democráticas e pela inscrição na constituição de suas bandeiras de luta, como também pelas Eleições Diretas para Presidente da República, e tendo uma posição de combate a política econômica do governo que gera desemprego e recessão.

Na perspectiva de caminharmos nessa direção, apresentamos as seguintes propostas:

- Eleições diretas para presidente da república;
- Não pagamento da dívida externa;
- Reforma agrária imediata e radical, sob o controle dos trabalhadores;
- Congelamento dos gêneros e bens essenciais às necessidades do povo, congelamento dos aluguéis, prestações da casa própria, das tarifas de transporte coletivos;
- Revogação do cruzado II;
- Elevação do salário mínimo de acordo com os índices do DIEESE, reajustes mensais dos salários de acordo com o índice real da inflação mais aumento de produtividade;
- Jornada de trabalho de 40 horas semanais;
- Pleno direito de greve;
- Plenas liberdades políticas e sindicais;
- Estatização dos bancos e tabelamento dos juros.

"...cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é".

Vivemos numa sociedade que nos quer fragmentados, repartidos, insensíveis e alienados, para que não seja possível questioná-la, ver sua verdadeira face que oprime e cerceia nossa liberdade. Que quer permanecer impondo suas normas e regras na família, na escola, na universidade, sobre as criações literárias e artísticas. Impondo seu moralismo, sua tradição de hipocrisia sobre as relações amorosas e sexuais.

Qual de nós não é cheio de conflitos, interrogações, questionamentos a respeito da nossa sexualidade, das drogas, do aborto, do homossexualismo, das nossas relações com os (as) nossos(as) companheiros(as)? E qual de nós não é cheio de receios, medos, expectativas em relação à nossa vida fora da universidade? A luta árdua, a competição com dezenas de pessoas por uma vaga em algum local de trabalho, o tão sabido índice de desemprego são coisas que geram em nós dúvidas e incertezas. E, qual o espaço que temos para discutir essas questões?

É preciso questionar o que parece estar a salvo de questionamento. E denunciar um sistema que coloca a juventude sob permanente suspeita, que desconfia dela, que proclama que ela é incapaz e irresponsável. É preciso enfrentar a tudo isto. Ao sistema que mantém sob vigilância e ameaça nossas atitudes e comportamentos: tanto através de uma



legislação obscura e vingativa, que quer punir o amor e o prazer, quanto disseminar os mais rancorosos e virulentos tabus, que terminam por transformar os pais numa espécie de domésticos e cotidianos policiais dos filhos.

Prá nós, essas questões não são menos importantes que a questão da universidade, das verbas para a educação, da política nacional. Elas se colocam em pé de igualdade, por compreendermos que só chegaremos a uma sociedade justa e de pessoas felizes quando entendermos o homem enquanto ser global.

O desafio está posto. Estamos dispostos a colocar na ordem do dia de nossa gestão no DCE, grandes debates sobre essas questões e muitas outras que, surgirão no decorrer do tempo.

ONDE ESTÃO AS VERBAS DA EMENDA JOÃO CALMON?

Não é novidade e nem abstrato falarmos da crise da universidade, fruto do descaso com que é tratada a educação "pública e gratuita" neste país. Basta vermos o tratamento dado pelo governo (via Ministério da Educação) ao movimento dos professores das Universidades Federais (fundações e altarquias), que tiveram que ficar mais de 40 dias em greve para que fosse conquistada uma pauta mínima de reivindicações. O que, por sinal, não foi conquistado senão tendo que enfrentar toda a intransigência do Ministério da Educação, que só cedeu pressionado por todos os lados (por parlamentares, conselho de reitores, funcionários, parcelas de estudantes e, o que foi fundamental, o nível de organização do movimento), sendo as conquistas, principalmente no que se refere a verbas, ainda bastante longe do necessário para o funcionamento digno da universidade. E aí é necessário perguntarmos qual foi o nosso nível de engajamento e de apoio nesse movimento de greve? Mas... quando falamos da crise temos a certeza de que ela está presente no nosso dia a dia. O curso de geologia (que ocupa um dos melhores lugares a nível nacional) que está paralizado desde o início do semestre por não ter as condições mínimas para o seu funcionamento; as péssimas condições em que se encontram os campi no interior (que antes da greve já começavam a se mobilizar); os laboratórios e bibliotecas funcionando precariamente; professores ausentes das salas de aula ou

incapacitados, além da falta de democracia e autonomia na universidade, são exemplos concretos dessa crise. E, se é tão evidente a crise, não falta quem proponha soluções e reformas. Mas é preciso ter bem claro que há reforma e "reformas"...

O governo da "Nova República", através do documento do GERES (Grupo de Reformulação do Ensino Superior), tenta reformar a universidade à sua maneira. Fazendo-se míope às propostas elaboradas por professores, estudantes e funcionários, o MEC tenta aprovar um projeto



de lei que quer continuar, agora de nova forma, a proposta contida na reforma de 68 (imposta pelos generais), com o objetivo claro de adequar a produção da universidade às novas necessidades do grande capital nacional e internacional, marginalizando dessa forma, o saber crítico, criador de novas alternativas políticas, culturais e tecnológicas para a nossa sociedade. Só pra se ter uma idéia, o projeto do GERES divide as universidades em "centros de excelência" e "universidade de ensino", tornando assim universidades como a UFRN, em meras repassadoras de conhecimentos elaborados em outras escolas, o que não se diferencia de uma escola de 2º grau.

E nós, que reforma universitária queremos? Queremos, por exemplo, mudar a universidade a partir das reivindicações e lutas dos segmentos que a fazem. É preciso que, junto com funcionários e professores, trabalhem na perspectiva de implementarmos um projeto alternativo para a universidade, que expresse os nossos interesses e reivindicações. Nesse sentido, temos algumas propostas que achamos importantes e pretendemos discutí-las amplamente, tanto durante a campanha como durante a nossa gestão no DCE:

- Ensino público e gratuito para todos e em todos os níveis;
- Autonomia política e administrativa para as universidades;
- Representação paritária (professores, estudantes e funcionários) nos órgãos colegiados (CONSUNI, CONSEPE, CONDEP'S);
- Eleições diretas, sem listas, para todos os cargos dirigentes da universidade;
- Incentivo à pesquisa em todas as universidades brasileiras, sendo as mesmas voltadas para o interesse do povo explorado e oprimido;
- Criação de "CONSTITUINTES UNIVERSITÁRIAS" para elaborar estatutos e regimentos e também para ampliar os debates em torno das questões da universidade e dos grandes temas nacionais;
- Criação de meios que controlem a distribuição das verbas para as universidades, para que seja garantido nossas prioridades.



"Mas... onde andam a UNE e o DCE?"

Se não é novidade a crise na universidade, tão pouco é novidade a crise no movimento estudantil. Crise de apatia, desmobilização, isolamento, enfim, distanciamento claro dos reais interesses dos estudantes brasileiros (da União Nacional dos Estudantes, hoje, só nos resta as lembranças). E a nossa realidade não é outra. Aqui (na UFRN) também é evidente essa crise. A nossa entidade geral está restrita (principalmente nas suas duas últimas gestões) a realizar algumas promoções sociais, relegando a segundo plano as lutas, as mobilizações. Não tendo cumprido o seu papel de canalizadora de todo um potencial de contestação, de rebeldia que existe em cada um de nós.

Precisamos buscar caminhos para encontrar a saída pra tudo isso. E esses caminhos não surgirão das cabeças iluminadas das auto-intituladas lideranças estudantis, mas da participação ativa dos estudantes não só nas diretorias,

mas em todas as atividades de suas entidades.

Queremos intervir no processo de mudança da universidade e, para isso, é necessário manter a autonomia do movimento estudantil frente a qualquer administração (tanto a nível de reitoria como a nível do ministério da educação), como também a presença, independente e desvinculada dos partidos, nas lutas políticas nacionais é fundamental para luta consequente por nossas bandeiras, por entendermos que a universidade é uma instituição que faz parte da sociedade de uma maneira geral e que a mesma interfere nos nossos interesses aqui dentro.

E aí nos diferenciamos das outras chapas, cujas visões políticas caem num especificismo extremado, com o objetivo claro de escamotear a evidência de sua convivência com o governo, passando pra nós a falsa questão de que a universidade é uma coisa e a sociedade, outra. É essa visão, inclusive, que tem contribuído para mistificar o papel do DCE, redu-

zindo-o a, não mais que, uma simples agremiação.

Mas, pra que tudo isso mude é necessário reconquistarmos nossa capacidade de luta e de mobilização, fazendo com que o DCE tenha um direção para o movimento; que incentive os encontros estudantis, desenvolva o esporte, o lazer, a cultura de maneira massiva e crítica, deixando de ser essas promoções utilizadas como um momento de promoção eleitoral; que o DCE abra espaço para discussões das questões do modo de vida como: sexualidade, drogas, aborto, etc; e que traga também, pra dentro da universidade, os grades debates que ocorrem no nosso país como dívida externa, inflação, reforma agrária, enfim, temas que nos tocam enquanto cidadãos.

Nós, que fazemos a chapa OUTRAS BANDEIRAS, ousamos nos colocar como alternativa de direção política para o Diretório Central dos Estudantes e lhe chamamos a encarar, junto conosco esse desafio!

Assistência Estudantil:

A precariedade dos restaurantes, a superlotação das residências, o serviço médico-odontológico capenga... é este o quadro da "assistência" estudantil na nossa universidade. Portanto, é preciso que travemos uma forte luta (e não os conchavos de gabinete) para termos uma assistência estudantil digna dos estudantes que dela mais necessitam. Não podemos também dissociar estas questões do restante das lutas que temos na universidade, pois, sabemos que elas refletem o descaso com que é tratada a universidade e a ausência de preocupação com as dificuldades que tem os estudantes das classes mais populares de fazerem um curso superior.

Por isso, é necessário lutarmos por:

- Manutenção do preço dos tickets do R.U.;
- Criação de uma comissão que fiscalize a qualidade e a higiene da comida do R.U., visando sua melhoria efetiva;
- Implementação do café da manhã e de todas as refeições nos fins de semana para os residentes;
- Máquina de esterilização para o R.U. da biomédica;
- Livre acesso ao restaurante de todos os estudantes, sem passar pelo "serviço social";
- Construção de novas residências e melhorias das já existentes;
- Verbas exclusivas para o Restaurante Universitário;
- Ampliação de creche para os filhos dos estudantes, professores e funcionários;
- Junto com outras entidades, brigarmos pela melhoria do funcionamento das linhas que circundam o Campus e manutenção dos preços da passagem;
- Ampliação e melhoria das condições de assistência médico-odontológica dos estudantes.

Cultura não se resume a festivais...

... por isso, é preciso criar espaços livres pra as amostras artísticas, sem que se tenha que passar, necessariamente, pelo crivo de julgamentos arbitrários e elitistas de jurís e nem a competitividade dos festivais. Que sejam espaços alternativos e constantes para que os artistas e as pessoas de uma forma geral, possam mostrar o que fazem e o que podem fazer. Podemos, por exemplo, utilizar o espaço, onde hoje é instalado o "sebão" (do DCE) para fazer exposições de pinturas, poesias, desenhos, lançamentos de livros, vendas de livros fora do esquema comercial...

Queremos incentivar a criação de um Cine Clube e um grupo de teatro do DCE, além de incentivar, apoiar e prestigiar outros grupos artísticos que possam surgir dos quatro cantos dessa universidade. Queremos contribuir para a integração das atividades do curso de Educação Artística, fazendo com que deixem de ser uma coisa isolada, à parte da vida da universidade.

Enfim, pretendemos não só fazer com que a cultura floresça cotidianamente, como também promover discussões acerca do conceito de cultura, a quem ela serve ou pode servir...

E PARA AS DIRETORIAS O QUE PENSAMOS



Ensino e Pesquisa:

A UFRN vem se configurando, a nível nacional, como uma das mais inferiores universidades do país,

pela precariedade de suas condições de ensino e de pesquisa. Diante disso vemos o total imobilismo da diretoria do DCE, que não tem feito nada de concreto para, junto aos demais estudantes, garantir as condições dignas de funcionamento dos cursos. É preciso superarmos esse imobilismo, para que possamos conquistar condições mínimas de pesquisa e extensão pois, só assim estaremos combatendo, na prática, a implementação do projeto do GERES.

Nesse sentido é que nos propomos a lutar por:

- Melhoria na qualidade dos estágios;
- Redefinição dos currículos, programas e cursos, com a participação de toda a comunidade universitária, através da realização de seminários em todos os cursos;
- Transformação das atuais bolsas de trabalho em bolsas de estudo e garantir, juntamente com a monitoria, remunerações compatíveis com as necessidades mínimas do estudante;
- Ampliação imediata da biblioteca, ocupando os espaços ociosos, e compra de novos livros a partir de recomendação dos departamentos. Além da garantia de sua reabertura aos sábados;
- Pelo reconhecimento de todos os cursos (do Campus central e do interior).

Imprensa e Divulgação:

As formas de comunicação do DCE, têm que servir como instrumento de nossa luta e estarem abertos à participação, criativa e independente, dos estudantes que queriam contribuir na sua elaboração.

O atual informativo do DCE, é um mero repassador dos informes e da visão da diretoria. Ao nosso ver o jornal tem que ser, além de divulgar as atividades do movimento estudantil, um espaço para novas experiências jornalísticas, para o debate político-cultural e até mesmo para questionar o próprio papel da imprensa numa entidade.

E o espaço da TV universitária? Precisa deixar de ser aquela coisa desinteressante e pouco produtiva, que não estimula ninguém a assisti-lo. É preciso que seja utilizado de forma criativa e aberta, fazendo com que ele deixe de ser um espaço exclusivo da diretoria do DCE.

Queremos enfim, o apoio e a participação de todos os estudantes para que possamos, inclusive, ser mais ousados e avançar na utilização de novos meios de comunicação como as "rádios piratas", o vídeo, etc. Para isso queremos e achamos indispensável a participação do curso de Comunicação Social.

Esporte

É necessário discutirmos melhor sobre que alternativa dispomos ou poderemos vir a dispor dentro da questão do esporte. O que sabemos é que ele não se resume numas olimpíadas anuais, sem muita organização inclusive. Temos todo um setor esportivo, por nós menosprezado, que podemos utilizar para promover dias de lazer, ginkanas. Pretendemos também incentivar as olimpíadas por centros e promover torneios diversos das várias modalidades: volei, basquete, xadrez, tênis, etc. Nesse campo, como em outros, gostaríamos de contar com a preciosa ajuda do curso de Educação Física.

Interior

Não é possível mais conviver com o descaso da administração central para com os campi de uma maneira geral e em especial com Nova Cruz e Santa Cruz que tiveram que parar suas atividades por falta das condições mínimas de funcionamento (água, quadro negro, carteiras) e a gritante falta de professores para preencher as lacunas existentes nos cursos. Citamos esses dois casos por serem exemplos mais aberrantes, mas sabemos que as condições de funcionamento em Currais Novos, Caió e Macau também não são muito diferentes. Portanto, achamos que também não é mais possível que, toda eleição, as chapas para o DCE falem que estão interessadas em contribuir para a superação dessa situação e, quando chegam lá, nada fazem de concreto. Temos, entretanto, a audácia de dizer que vemos de forma bastante séria a situação do interior e nos propomos a, junto às entidades dos campi, lutar para que ela mude efetivamente.